

# Semente Libertária

JORNAL DA ORGANIZAÇÃO RESISTÊNCIA LIBERTÁRIA [ORL] Ano I • Nº. I • DEZEMBRO DE 2008  
Caixa Postal: 12155 - Fortaleza - Ceará • e-mail: resistencialibertaria@riseup.net

contribuição  
R\$ 0,50



## EDITORIAL

Saudações Libertárias!!

É com muita alegria e satisfação que lhes apresentamos o primeiro número do jornal *Semente Libertária*. Ele é o resultado do nosso esforço coletivo e pretende ser um dos meios para tornar públicas nossas discussões e nossa atuação política.

Neste primeiro número resolvemos não apresentar textos assinados individualmente, visto que efetivamente todos eles foram discutidos, redigidos e chegaram ao seu formato final contando com a contribuição das várias mãos e cabeças que compõem a organização.

Além de uma apresentação da ORL, o número inaugural do *Semente* traz uma matéria denunciando os mega-empresendimentos capitalistas no litoral cearense, que sob a justificativa do desenvolvimento da economia do estado, vêm acarretando fortes impactos negativos sobre comunidades indígenas e locais, bem como impactos destrutivos para o meio ambiente. Na coluna *Memória Anarquista*, prestamos uma breve homenagem ao cearense Moacir Caminha, um dos precursores do anarquismo no Ceará e que também estendeu sua militância a outras regiões do país. Já a coluna *Sangue, Suor e Barricadas* vem composta por pequenos informes sobre algumas lutas, protestos e atividades recentes envolvendo anarquistas no Brasil e no mundo. Por fim, fazemos um breve relato crítico sobre as eleições para DCE da UFC a partir de algumas posições defendidas numa Contra-Campanha eleitoral, na qual participaram alguns membros da ORL.

Se para o anarquista Neno Vasco era preciso procurar o melhor terreno para semear e fazer germinar nossas propostas, para nós é no campo das lutas sociais, regado por uma paixão viva e libertadora, que devemos semear e colher junto a outros lutadores e lutadoras os frutos da justiça social e de uma liberdade autêntica, baseadas no respeito à natureza, à vida e à dignidade humanas, contra um sistema que semeia a escravidão e derrama sobre a terra os frutos podres da destruição e da morte!

Boa leitura!!

Saúde, Amor e Anarquia!!

Organização Resistência Libertária

## Apresentação da ORL

**A** Organização Resistência Libertária [ORL] surge no final de 2007 a partir da articulação entre estudantes anarquistas que naquele ano tinham participado das lutas pela ampliação da isenção do vestibular da UFC e da ocupação da reitoria da mesma universidade contra o REUNI, e ex-membros dos extintos Coletivo Ruptura e Comuna Libertária, que há algum tempo vinham acumulando discussões em torno da necessidade de uma atuação organizada dos anarquistas junto às lutas e movimentos sociais. Foi exatamente este o ponto inicial que possibilitou a convergência entre estas duas levadas de militantes e a formação de uma organização em torno de objetivos políticos, métodos de atuação e forma organizacional comuns.

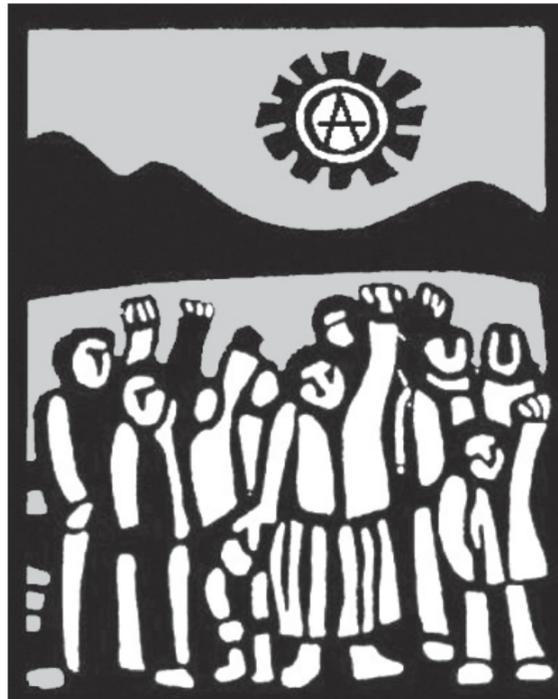
Somos uma organização específica de anarquistas, resultante da livre vontade de indivíduos de unir e coordenar seus esforços de forma horizontal e autônoma, pautados na liberdade e na responsabilidade individual e coletivo, no apoio mútuo e na democracia direta, com a disposição de militar socialmente, visando contribuir para a construção de experiências de organização e de lutas sociais com perspectiva anti-capitalista.

Cientes de que sob a denominação de anarquistas, albergam-se as mais variadas e contraditórias concepções, assumimos o **anarquismo social** como perspectiva política, pois no nosso entender não é possível que enquanto o capital segue avançando de forma destrutiva sobre todos os aspectos da vida e demonstra-se a cada dia mais incapaz de gerir suas próprias contradições, os anarquistas recolham-se em organizações separadas das lutas sociais ou em qualquer tipo de anarquismo anti-organizacional, individualista ou de "estilo de vida", abstendo-se da capacidade de questionamento e de crítica social, no duplo sentido de expor os limites da sociedade capitalista e também de apontar perspectivas teóricas e práticas de luta visando sua superação. Este recolhimento para nós não seria outra coisa senão uma auto-condenação à insignificância e à impotência diante de um mundo que impiedosamente desmorona sobre nossas cabeças.

Nosso ponto de partida é, por tanto, a negação de um sistema social que sem qualquer consideração pelos interesses e pelas necessidades humanas concretas submete os recursos naturais, técnicos e os próprios seres humanos ao processo de transformação de dinheiro em mais dinheiro (valorização do capital); que concentra cada vez mais poder econômico e político nas mãos de um punhado de senhores do mundo, ao mesmo tempo em que elimina para uma

parcela cada vez maior da população mundial as condições mínimas de existência e ameaça devastar as bases naturais para a continuidade da vida no planeta. No mundo dominado pelo capital, liberdade, igualdade, democracia e sustentabilidade não passam de slogans auto-promocionais cínicos e irrealizáveis.

Se durante muito tempo a luta pela superação do sistema do capital foi "carinhosamente" deslegitimada como sendo uma doce utopia, hoje esta luta assume a forma de uma necessidade cada vez mais real e universalmente válida. O capitalismo não tem nada mais a nos oferecer além de crises, desemprego, miséria, fome, violência, destruição ecológica. Acreditar que ainda seremos capazes de permanecer nessa situação por muito tempo é o que merece ser condenado como uma amarga utopia. Portanto, não se pode deixar de



reconhecer que os desafios são imensos. Os problemas que o capitalismo nos impõe atualmente atingiram dimensões tão amplas e profundas, que seria no mínimo ingenuidade esperar que possa haver soluções imediatas ou que seja possível fazer frente a ele com pequenas iniciativas isoladas e inconstantes. A situação exige muito mais fôlego e necessita de outros esforços!

O capitalismo não é nenhum castelo de cartas que desmorona ao mais leve toque, é pelo contrário, o sistema de dominação social mais poderoso e abrangente da história. Por isso, defendemos que as lutas sociais assumam um caráter anti-capitalista e empreendam uma ofensiva com dimensões sociais cada vez mais amplas e radicalizadas, no sentido da construção de experiências de contrapoder, coordenadas em redes cada vez mais

extensas e capazes de dotar-nos hoje da capacidade de enfrentamento e imposição contra a força social do capital e do Estado, e ao mesmo tempo sirvam como aprendizado prático e como formas preparatórias de uma sociedade auto-organizada e auto-gerida nos aspectos econômicos, políticos e sociais.

Estamos convictos de que nenhuma mudança social emancipatória pode ser o resultado da ação de pequenos grupos isolados, de vanguardas políticas ou indivíduos iluminados. Por isso, nossa disposição de atuar nas lutas e movimentos sociais não visa de forma alguma dirigi-los, controlá-los e submetê-los a interesses que lhes sejam alheios. Pelo contrário, assumimos abertamente o enfrentamento às práticas vanguardistas, burocráticas, eleitoreiras e alienantes que tão bem caracterizam os partidos políticos da esquerda oficial e caçadora de votos, as seitas marxistas doutrinárias, os burocratas sindicais e outros oportunistas e disciplinadores da luta social.

Também não temos como objetivo ideologizar os movimentos, tornando-os anarquistas (muito menos assumir uma postura paternalista ou o papel de tarefeiros!). Nosso objetivo é contribuir, por meio do diálogo e da troca de experiências, para que as lutas e movimentos sociais possam ultrapassar o caráter meramente reivindicativo e possam desenvolver a combatividade, a autonomia, a capacidade de auto-organização e a democracia direta.

Ultrapassar os limites meramente reivindicativos das lutas e movimentos sociais, não significa abster-se da construção de projetos alternativos que concretizem conquistas e melhorias reais nas condições de vida das pessoas. Visto que a autonomia, a auto-organização e a democracia direta não podem existir sem campos concretos de experimentação, as lutas por conquistas imediatas devem servir como experiência e aprendizado.

É na luta que se aprende a lutar! Ela deve ser a grande escola na qual se aprende a reconhecer os inimigos e a caminhar entre os comuns; na qual se aprende a participar e decidir, num processo contínuo de diálogo, de educação e construção de experiências. Uma ruptura com o sistema de dominação social capitalista não pode dar-se de forma imediata e espontânea. Ela só pode ser o resultado de um longo e difícil processo de aprendizado forjado em lutas concretas, cheias de contradições, de avanços e retrocessos, e que dependem, ao fim e ao cabo, do grau de protagonismo popular e da radicalidade de seus objetivos.

**Os grandes só são grandes porque estamos de joelhos. Levantemo-nos!!**

Organização Resistência Libertária

# A Luta dos Povos Indígenas Contra o Avanço Capitalista no Ceará [ORL]

*Arrancaram nossos frutos,  
cortaram nossos galhos,  
queimaram nossos troncos...  
Mas não podem matar nossas raízes!*  
(Popol Vuh)

A história dos índios no Ceará é marcada por um intenso processo de lutas e resistências. Lutas contra as invasões que desde o início do século XVII tentam expulsá-los de seus territórios tradicionais, resistências contra as tentativas de negação de suas existências e culturas. Após décadas de invisibilidade, ressurgem no final da década de 1970 e, mobilizados politicamente em torno do reconhecimento de suas identidades étnicas, retomam a luta de seus ancestrais por terra, reconhecimento étnico-cultural e dignidade.



Índios Tremembé em ritual do Torém - São José - Itapipoca, 2008

Ao romper o silêncio e afirmarem sua etnicidade como estratégia de luta, eles desafiaram não apenas os posseiros, latifundiários, empresários e políticos locais, que há anos praticam invasões em seus territórios, mas também a própria história oficial que afirmava não haver mais índios no Ceará.

Dentre as maiores dificuldades enfrentadas atualmente pelos Povos Indígenas no Ceará, podemos citar o reconhecimento étnico por parte das instituições governamentais, a permanente luta pela demarcação de suas terras e a resistência contra a especulação imobiliária e a instalação de grandes empreendimentos em seus territórios tradicionais.

No alvorecer da modernidade, discutia-se se os índios tinham alma, se eram gente, pois se não o fossem, poderiam ser escravizados e ter suas terras legitimamente apossadas pelos invasores. Hoje, a justificativa de que as populações tradicionais não são indígenas basta para tentar expulsá-las dos locais onde vivem há várias gerações.

Concomitantemente à construção deste discurso, as elites locais impõem à sociedade cearense um projeto de modernização capitalista que está modificando completamente sua paisagem, com a construção de uma complexa infraestrutura que visa a imersão efetiva do estado nas malhas do capitalismo mundializado. Sob a capa do velho discurso do progresso, prometem emprego e desenvolvimento. Na verdade, um projeto de desenvolvimento nitidamente elitista e concentrador de renda, insustentável, explorador de recursos naturais e seres humanos com fortes impactos no modo de vida das populações indígenas e tradicionais, tanto do sertão quanto do litoral.

## O projeto de modernização capitalista no Ceará

A problemática da etnicidade no Ceará coloca-se como um fator mais complexo no contexto das relações político-econômicas locais e externas. A agressiva especulação imobiliária avança Ceará adentro sem nenhuma preocupação com os impactos sócio-ambientais por ela ocasionada.

Desde a segunda metade da década de 1980, com a chegada de uma classe dirigente empresarial ao poder (Tasso Jereissati e seu "Governo das Mudanças"), o Estado do Ceará, com apoio do governo federal e de agências internacionais, inicia um processo de modernização capitalista, com a construção de uma complexa infra-estrutura que visa possibilitar uma inserção efetiva do estado no capitalismo internacionalizado. A meta principal é adequar os recursos naturais do território, principalmente o valor estético da paisagem, às demandas ditadas pelo chamado 'mercado mundial'. Nesta nova conjuntura política e econômica local, o que importa é saber se o Estado concede meios legais

(mudanças na legislação que possam assegurar a redução ou a isenção de impostos, adequação ao direito internacional sobre o meio ambiente, etc.) e estruturais (contra-partidas) para receber os recursos internacionais tão sonhados pelas elites industriais e agrárias locais.

O atual governo do Ceará, personificado na figura de Cid Gomes, dá continuidade ao projeto capitalista de seus antecessores. Os meios de comunicação oficiais anunciam aos quatro ventos a instalação de grandes empresas, termelétricas, usinas eólicas, siderúrgicas, resorts, o avanço da indústria do turismo na costa, etc, como a solução desenvolvimentista para nossa miséria, sob o custo de incentivos fiscais pagos pelos cofres públicos e da exploração insustentável dos recursos naturais por aqui (ainda) existentes.

A integração do litoral através de rodovias muito bem estruturadas (as chamadas Costa do Sol Nascente e Costa do Sol Poente), a construção de resorts ao longo destas vias litorâneas (e de diversos condomínios residenciais em suas margens), a construção do porto do Pecém, do Aeroporto Internacional Pinto Martins, de parques de energia eólicas, de uma usina siderúrgica, de usinas termelétrica, a transposição do rio São Francisco, a prosperidade do agronegócio em sua aliança com o capital estrangeiro (vide: carcinocultura), enfim, a construção de toda uma infra-estrutura apta a receber diferentes investimentos internacionais, são sinais desta modificação que está se operando tanto na configuração geográfica do nosso estado quanto nas relações sociais e de trabalho em nível local.

O estabelecimento de uma malha rodoviária que interliga todo o litoral, aliada à imensa especulação imobiliária, ocasionada, entre outros fatores, pela construção do porto do Pecém, valoriza espaços ocupados por comunidades tradicionais. Muitas destas comunidades são herdeiras de agrupamentos nativos ameríndios, e ainda mantêm, em muitos aspectos de sua existência, permanências de uma cultura ancestral no cotidiano. A herança cultural presente em comunidades litorâneas está claramente relacionada com a cultura indígena. A multiplicação de grandes empreendimentos ao longo da costa cearense, aliada ao discurso do progresso e desenvolvimento, está realizando uma mudança drástica e sem precedentes na vida e na cultura destas comunidades, que são, aos poucos, recrutadas como mão-de-obra barata para trabalharem nestes empreendimentos, feitos quase que exclusivamente para servirem a estrangeiros e brasileiros ricos.

## Povos indígenas X grandes empreendimentos

No Ceará de hoje, a peleja permanece. O Governo Cid Gomes e a iniciativa privada local e internacional ameaçam os territórios habitados tradicionalmente pelas comunidades indígenas. Vejamos agora apenas alguns exemplos da ofensiva capitalista contra os Povos Indígenas no Ceará.

Em **Itapipoca**, o grupo empresarial internacional Nova Atlântida pretende construir o maior projeto turístico da atualidade em Terra Indígena Tremembé. A "cidade turística" pretende ser construída numa área de 3,1 mil hectares onde residem atualmente aproximadamente 200 famílias Tremembé, divididas nas comunidades de São José e Buriú.

O mega-empreendimento está orçado em US\$ 15 bilhões e prevê a construção de 13 hotéis 5 estrelas, 14 resorts, 6 condomínios residenciais e 3 campos de golfe de tamanho oficial (18 buracos). Com quase 100 mil leitos, o complexo turístico de alto luxo destina-se a visitantes estrangeiros. Entretanto, o grupo espanhol está sob a mira do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF), vinculado ao Ministério da Fazenda, por suspeita de lavagem de dinheiro e movimentação financeira incompatível de seus sócios.

Segundo matéria publicada no Jornal Diário do Nordeste em agosto de 2007, o relatório de inteligência do COAF aponta movimentações financeiras milionárias do espanhol e presidente da Nova Atlântida, Juan Ripoll Mari. O documento cita também uma investigação conjunta das polícias da Suíça, França e Itália, de 1991, na qual um investigador suíço acusou Ripoll Mari por uma suposta lavagem de dinheiro. O COAF analisou, de forma preliminar, a movimentação financeira do grupo Nova Atlântida e concluiu que, aparentemente, ele não

tem condições de bancar os custos do empreendimento.

Por outro lado, descobriu que os sócios da empresa — o empresário espanhol, sua mulher, Iselda Ripoll, e seu filho, David Ripoll — têm movimentações bancárias atípicas. Conforme o tal relatório, só numa conta de um banco nacional, Juan Ripoll Mari movimentou R\$ 30 milhões em 11 meses (de novembro de 2005 a outubro de 2006), sendo parte da verba enviada da Espanha. O valor contrasta com as declarações de renda do empresário. Ao trocar informações com a Receita Federal, o COAF descobriu que o empresário declarou não ter tido rendimentos entre 2002 e 2005, apesar de possuir 26 empresas em seu nome. (Fonte: Jornal Diário do Nordeste, 08/08/2007).

Há alguns meses o grupo espanhol, para burlar os entraves legais e dar continuidade à construção do mega-empreendimento, resolveu trocar de nome e passou a chamar-se *Afirma Grupo Imobiliário*.

Além das inúmeras irregularidades de ordem financeira, o empreendimento ainda teve sua licença ambiental concedida pela Superintendência do Meio Ambiente do Estado do Ceará (SEMACE), sem levar em consideração os sérios impactos ambientais decorrentes da implementação da obra. Vale lembrar que os gestores dos principais órgãos ambientais no Ceará, das três esferas de administração (federal, estadual e municipal), foram presos pela Polícia Federal em outubro, na chamada Operação Marambaia. A principal acusação, fruto de intensa investigação, é a de que teriam autorizado irregularmente licenças ambientais para construção de imóveis em áreas de preservação ambiental em diversos locais do Ceará, como em Guaramiranga e Fortaleza.

Mas as aberrações não param por aí. As comunidades indígenas denunciam que sofrem constantes ameaças e intimidações para que saiam imediatamente de suas terras tradicionais. Na verdade, o Grupo Nova Atlântida vêm implementando o que poderíamos qualificar de uma *guerra de baixa intensidade* a fim de minar a resistência indígena local. As estratégias já são por demais conhecidas e passam pela intimidação física e pressão psicológica através de capangas contratados para vigiar, reprimir e delatar. Trata-se, na verdade, de verdadeiras milícias dos empresários no interior das comunidades. Promovem também a criminalização do movimento processando judicialmente as lideranças e as humilhando nos tribunais de justiça de Itapipoca.

Outra tática bastante utilizada é a tentativa de divisão interna, buscando o progressivo enfraquecimento da resistência. Para isso, oferecem "empregos" a todos aqueles que aceitem sair da terra e comecem a negar sua identidade indígena. Criaram inclusive uma suposta "Associação Comunitária" dos não-índios que alicia, paga os salários e responde pela Nova Atlântida dentro das comunidades. Ou seja, colocam os indígenas uns contra os outros, alimentando com isso as tensões internas. Utilizam-se também de suas influências junto às elites locais, patrocinando eventos e descaradas campanhas ambientais junto às escolas do município, a fim de sensibilizar a população de Itapipoca da importância e "sustentabilidade" de seu projeto.

Recentemente, para coroar de forma lastimável todos os absurdos mencionados acima, o Governador do Estado, parlamentares da Comissão de Turismo da Câmara Federal, Deputados Estaduais, o Embaixador da Espanha no Brasil, Ricardo Peidro e os espanhóis do Afirma Grupo Imobiliário, numa atitude extremamente autoritária e intimidatória, sobrevoaram a área dos Tremembé de São José e Buriú, e declararam aos grandes meios de comunicação a



inexistência de índios naquela região, afirmando que o que existe são pessoas que se travestem de índios a partir de invenções de intelectuais e organizações não-governamentais. Uma declaração infundada e irresponsável, baseada numa visão estereotipada e preconceituosa há tanto ultrapassada, de que não existem mais índios no Ceará. (Fonte: Jornal Diário do Nordeste, Caderno Notícias, 18/07/2008)

Mas os Tremembé não se intimidam e enfrentam todas as adversidades com coragem e determinação. Apesar da lentidão da FUNAI em criar um Grupo de Trabalho para identificação e delimitação de suas terras, eles se mantêm firmes na luta pela preservação e demarcação de seus territórios. Mesmo sob todas as denúncias citadas acima, o Grupo Empresarial Nova Atlântida permanece com o apoio do Governo do Estado, de políticos locais e deputados Estaduais e Federais.

Em **São Gonçalo do Amarante e Caucaia**, desde 1996, quando o então governador Tasso Jereissati deu o aval para a construção do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), a situação dos Anacé vem agravando-se em razão dos impactos ambientais e sociais provenientes de toda a infra-estrutura que o complexo vem trazendo àquela região (usina siderúrgica, termelétrica, futura refinaria de petróleo, etc.). O empreendimento já ocasionou a expulsão de três comunidades e ameaça grande parte das terras por elas ocupadas.

Atualmente, as comunidades indígenas dividem seu território com toda sorte de empreendimentos. Dentre eles poderíamos citar duas termoelétricas movidas a carvão mineral. Uma do grupo MPX Energias S.A., comandado pelo mega-empresário Eike Batista, (que recentemente foi expulso da Bolívia e se instalou nas proximidades do pantanal matogrossense), e outra da Vale do Rio Doce. Há ainda a solicitação para que a SEMACE possa conceder licenças prévias para pelo menos mais cinco novas usinas, sendo uma delas a gás.

Os impactos ambientais desses empreendimentos são de grandes proporções e afetarão não apenas o estado, mas todo o planeta. A grande quantidade de carbônicos, ozônio e nitratos que serão emitidos pelas termelétricas, a possibilidade de chuva ácida em virtude da alta emissão de dióxido de enxofre, o alto índice de emissão de material particulado pela poeira do carvão, que contem grandes índices de nocividade para a saúde, os resíduos e afluentes líquidos que poderão contaminar os lençóis freáticos e comprometer o suprimento de água para as comunidade da região, são apenas algumas conseqüências imediatas da instalação de usinas movidas a carvão mineral.

Segundo reportagem publicada pelo jornalista Felipe Lobo no site O Eco, "o carvão, que será importado da Colômbia pela MPX para sua termelétrica no Pecém, é o mais barato do mundo. O próprio site da empresa de Eike Batista mostra que uma tonelada de carvão colombiano custa em torno de 24 dólares. Hoje, o barril de petróleo já ultrapassou a casa dos 120 dólares. Com custo baixo, prazo de obras que variam de 36 a 48 meses e pequena necessidade de funcionários (80, nesta usina em questão), a alternativa é um prato cheio para empresários e uma tragédia para o meio ambiente". O jornalista ainda acrescenta, "além dos potenciais danos aos ecossistemas da região de São Gonçalo do Amarante, a termelétrica ganha em proporção ao se juntar com as outras fábricas do Complexo Industrial Portuário de Pecém. Até agora, além do porto, há uma termoelétrica da empresa Endesa pronta e movida a gás

natural momentaneamente parada, uma filial da firma de energia eólica Wobben, um gasoduto semi-finalizado, uma empresa de ração em construção e o terreno desmatado de uma siderúrgica que ainda não aportou em terras cearenses. Fora isso, são esperadas outras usinas movidas a carvão, uma refinaria e diversas indústrias de base."

Agravando ainda mais a situação das comunidades daquela região, em setembro de 2007, o Governador Cid Gomes, assinou o Decreto nº 28.883, que declarou de utilidade pública para fins de desapropriação uma área de 33.500 hectares, nos municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, tendo em vista a implementação e expansão do CIPP. Quase toda essa área é tradicionalmente ocupada pelos índios Anacé.

Em resposta a todas essas provocações, os índios Anacé, em sua última Assembléia ocorrida em 18 de outubro do corrente ano – no qual participaram aproximadamente 200 representantes das comunidades dos Anacés de Bolso, Matões, Japuaia, Santa Rosa, Gregório, Área Verde I e II, Chaves, Tapuio, Tocos, dentre outras – afirmaram unanimemente que lutarão até o fim pela demarcação de suas terras e não sairão, em hipótese alguma, do lugar onde vivem e onde viveram seus antepassados. Recentemente, os Anacé comemoraram uma importante vitória com a divulgação da Recomendação nº 59, de 12 de novembro de 2008, do Ministério Público Federal no Ceará (MPF/CE), que solicita, ao Governo do Estado, a interrupção das desapropriações em São Gonçalo do Amarante e Caucaia, onde vivem mais de 800 famílias da tribo indígena Anacé. O governo terá 15 dias para recorrer ou acatar a decisão.

Outra grande notícia foi que o o Ministério Público Federal no Ceará teve pedido de liminar parcialmente acatado pela Justiça Federal para a paralisação da construção da Usina Termoelétrica MPX, no Complexo Portuário do Pecém. Com isso, a MPX Pecém Geração de Energia S/A, empresa responsável pela obra, deverá manter suspensos os trabalhos de construção até que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) realize todo o processo para concessão do devido licenciamento ambiental. Os autores da ação civil pública, que resultou na liminar, são os procuradores da República Alessandro Sales e Márcio Torres. Eles argumentaram que a Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará (Semace) se limitou a referendar e ratificar todos os documentos e informações apresentados pelo empreendedor, sem sequer questionar os dados, ou ainda propor soluções alternativas para prevenir ou sequer minimizar os impactos provocados pelo empreendimento.

A situação dos demais povos indígenas no Ceará não difere dos dois exemplos acima citados. Em **Caucaia**, a oligarquia Arruda, há décadas no poder municipal local, entrou com um mandado de segurança pedindo a anulação do processo demarcatório das terras dos Tapeba, que já lutam há três décadas pela sua demarcação. Em **Aquiráz**, o grupo Ypióca, além de poluir e retirar água da Lagoa da Encantada, nas terras da Aldeia dos Janipapo Kanindé, criminaliza os defensores dos direitos indígenas. Em **Maracanaú**, os Pitaguary estão ameaçados judicialmente de perder parte de suas terras para o posseiro Fernando Façanha, que ocupa indevidamente um espaço de 600 hectares no meio da aldeia Santo Antônio dos Pitaguary.

Tais fatos somam-se à problemática dos índios do sertão que, em municípios como Crateús, Monsenhor Tabosa, Poranga, Quiterianópolis, Novo Oriente e outros, vivem situações de intenso conflito, por conta da identificação indígena desses povos e da demarcação de seus territórios.

## Não nos vendemos nem nos rendemos!

*"É nosso direito viver com dignidade, e nenhum homem ou mulher são dignos se vivem como escravos. Não queremos uma cadeia de ouro para embelezar nossa escravidão. Queremos o direito de governar-nos, de decidir livremente o que queremos e a forma em que queremos... Quem pretender negar-nos esses direitos e tratar de convencer-nos do contrário, põe sua palavra a serviço da mentira e nos trata como animais"*  
(Comunicado do EZLN)



V Marcha pela Resistência e Autonomia do povo Tremembé - Almofala, 2008

Não é de se estranhar que o estado que negou a existência de índios no Ceará na segunda metade do século XIX, venha hoje apoiar empreendimentos que têm na apropriação da terra e na utilização de nativos como mão-de-obra barata sua lógica. Afinal, a existência de populações indígenas organizadas emperram o projeto político e econômico em curso. Pois pressupõe a existência de terras tradicionais, habitadas pelos índios, que não podem ser vendidas, uma vez que estão protegidas por lei federal desde 1988.

Naverdade, a multiplicação de grandes empreendimentos capitalistas ao longo da costa cearense está realizando uma mudança drástica e sem precedentes na vida e cultura de várias comunidades ao modificar e degradar a paisagem, as relações de trabalho e de posse e uso dos recursos naturais. Sob a justificativa de que trarão o famigerado 'progresso' e 'desenvolvimento', estas iniciativas escondem os verdadeiros objetivos de seus empreendedores, que é a obtenção do lucro a todo custo. Não há em nenhum destes projetos o desejo de melhora das condições de vida das comunidades mencionadas, muito menos uma preocupação com os impactos ambientais decorrentes de sua implementação. Na realidade, um modelo de "progresso" e "desenvolvimento" nitidamente excludente, elitista e autoritária, uma vez que é imposto contra a vontade e as necessidades reais das populações afetadas.

Mas as comunidades indígenas organizadas no Ceará, que totalizam cerca de doze etnias e mais de 20 agrupamentos, não desistem e resistem cotidianamente afirmando sua etnicidade e se mobilizando pelo reconhecimento e demarcação de suas terras.

Garantir a autonomia frente aos partidos, governos e empresários; potencializar formas de organização e decisão que remontem às experiências comunitárias que tanto caracterizaram e diferenciaram os povos que habitaram séculos atrás este território que hoje denominamos Brasil; exigir a demarcação imediata dos territórios indígenas e sua autodeterminação, são condições imprescindíveis para barrar o projeto de modernização capitalista em curso no estado e garantir as condições de sobrevivência e dignidade para os povos indígenas no Ceará.

# Memória Anarquista

## REGENERAR COMBATENDO

Na pequena Fortaleza do início do século XX vibravam os espíritos mais exaltados. Dentre eles o professor, jornalista, grande divulgador do esperanto e anarquista Antônio da Graça Caminha, mais comumente conhecido como Moacir Caminha.

Nascido em Icó, interior do Ceará, em 1887, vem para Fortaleza ainda cedo e começa a manter contato com aqueles que questionam a injustiça e recusa o capitalismo como forma de organização social. Logo em 1908 lança o jornal *O Regenerador* junto com alguns companheiros, que teve vida curta, mas de significativa importância para a Fortaleza conservadora dos Acciolys.

O que se pretendia não era somente um questionamento no nível das idéias, mas sim construir um novo caminho para a humanidade. Neste jornal, talvez apareciam as primeiras letras reconhecidamente anárquicas no Ceará. Lá estavam, além dos escritos de jovens militantes, textos de Gorki e Kropotkin. De um lado o apelo à pobre condição do humano nas linhas de Gorki, do outro o chamado aos jovens de Kropotkin para as novas idéias anárquicas.

Dentre suas iniciativas estão o Clube Socialista Máximo Gorki, Grupo Libertário de Estudos Sociais, Agência Libertária de Estudos Sociais, Grupo Libertário Amigos d'A Plebe, além de sua participação no Comitê Pró-Flagelados da Rússia, na Liga Operária Independente. Participou também do *Jornal da Manhã*, *d'O Radical* e colaborou em muitos outros pelo país. Esse contato de Moacir com outros grupos se dava no nível prático, na difusão do pensamento libertário e na resistência anti-capitalista.

Já na década de 1940 funda junto com sua companheira, Maria leda de Moraes, o semanário comunista libertário *Remodelações*, um dos reaparecimentos do anarquismo pós ditadura do Estado Novo e uma das tentativas de reorganização dos anarquistas brasileiros. Neste jornal, Moacir Caminha publica as *Bases Constitucionais da República Comunista Libertária do Brasil* que gerará longos debates no meio anarquista da época, inclusive com José Oiticica. Na entrada a década de 1960, Caminha continua o seu ofício de professor no Centro de Estudos José Oiticica.

Para terminar, algumas palavras do editorial do jornal *O Regenerador* editado por Caminha, ainda jovem:

*"E jamais nos falte o ardor e fé na vitória certa do socialismo, que erguerá um dia o templo novo das crenças sociais, onde a Solidariedade e a Igualdade serão divindades onipotentes da vida humana. Regenerar Combatendo"*.

# Eleições para DCE e Congresso de Estudantes da UFC [ORL]

Durante os dias 21, 22 e 23 de outubro deste ano, ocorreram as eleições para DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Universidade Federal do Ceará. Ao mesmo tempo em que um grupo dos estudantes se mobilizava para a formação de chapas visando mais uma disputa eleitoral, outro grupo de estudantes resolve levar adiante uma Contra-Campanha eleitoral, por entender que a disputa por entidades não representa algo central para a construção de um movimento estudantil crítico, combativo e independente, pautado na auto-organização dos próprios estudantes.

Deste modo, este grupo buscou desenvolver coletivamente uma análise crítica e propositiva acerca do movimento estudantil e das eleições para DCE, que tornou-se pública por meio de uma nota lançada durante a campanha eleitoral. A nota chamava à abstenção ativa/boicote às eleições e propunha uma assembleia realizada dias após a conclusão da mesma, dando continuidade a este movimento. A crítica se voltava basicamente à representatividade, ao substituísmo e à partidização do movimento estudantil. Suas proposições principais referiam-se à construção de um movimento estudantil autônomo, horizontal, pautado na democracia direta e independente de partidos.

## Eleições

Todo o processo eleitoral apresentou-se problemático desde seu início. Exemplo disso é que as chapas só apareceram no cenário da universidade a menos de um mês antes das eleições e devido a pouca divulgação, os debates foram bastante esvaziados.

Em todas as chapas era perceptível – apesar da participação de alguns estudantes autônomos – o domínio dos partidos sobre as mesmas, além da disputa selvagem por instâncias de poder, típico de disputas eleitoreiras. A panfletagem incisiva, as práticas de boca-de-urna e do “voto-amigo”, não foram capazes de sanar o desinteresse da maior parte dos estudantes e sua falta de confiança nas chapas e nas próprias eleições, consequência direta tanto do distanciamento destas em relação aos estudantes como do caráter centralista e excludente de espaços como o DCE. Por fim, as eleições tiveram como resultado a falta de quórum, o que por diversos motivos já vinha sendo previsto pelos que construíram a Contra-Campanha, confirmando o total fracasso do pleito.

Ainda assim, houve quem quisesse prorrogar em mais um dia as eleições, fazer outra imediatamente ou mesmo quem defendesse a mudança no regimento eleitoral no sentido de diminuir a porcentagem mínima exigida para estabelecimento do quórum, tentando a todo custo legitimar um processo que já nasceu morto e enterrado.

## Congresso

Por fim, a eleição foi encerrada com o decreto de sua falência. A gestão atual foi prorrogada e as chapas, fracassadas em tomar a “entidade máxima do movimento estudantil do Ceará”, decidiram realizar um Congresso de Estudantes, na tentativa de preparar o terreno para uma nova eleição. Para isso foi tirada uma Comissão Organizadora do Congresso “aberta a todos os estudantes”, porém submissa às deliberações do CEB, (Conselho de Entidades de Base) no qual só têm poder deliberativo os CA's, os DA's, o DCE e o COREU. A comissão caberá

apenas a execução de tarefas burocráticas, o que “curiosamente” foi decidido pelo próprio CEB! Assim, o poder político se mantém nas mãos da cúpula das entidades, impedindo a participação direta dos que atuam independente das mesmas. Aos estudantes dispostos a construir o Congresso (que não ocorre há mais de 10 anos) resta submeter-se ao papel de meros tarefeiros e observar seu poder decisório ser usurpado por aqueles que se negam a dividi-lo, por medo de perder o domínio do movimento.

Fala-se que o Congresso é em si uma instância de ampla participação dos estudantes, no entanto esta já vem sendo vetada na sua construção! Para se ter uma idéia, já vem sendo feita uma proposta de um congresso onde a participação se dê por delegação, em detrimento da participação direta. A isso alia-se a tática da plenária final, na qual existe um curto espaço de tempo para a tomada de tantas e tão importantes decisões. Será uma plenária para decidir tudo! Daí resultam deliberações imaturas e/ou manipuladas, como também o tratoramento de dissensos através de práticas clássicas como “rolo compressor” e votação em bloco. Vale ressaltar que havia a proposta de plenárias diárias, onde as decisões seriam tomadas mais calmamente, sem a pressão típica das plenárias finais, elevando assim qualitativamente o momento deliberativo.

## Pensando positivamente

Todo o modelo no qual o congresso vem sendo “lapidado”, acaba por demonstrar exatamente o caráter hierárquico, burocratizado e centralizador, no qual está moldada a organização e a “representação” do CEB, de cima para baixo, verticalmente das entidades para a base dos estudantes, confirmando assim, uma crítica ao modelo no qual esta instância se mantém como sendo um dos fatores que mais contribuem para o distanciamento da participação política dos estudantes.

Compreendemos que é inevitável que existam organizações políticas envolvidas no movimento estudantil, mas defendemos que seu papel não deve ser o de controlar e limitar o movimento, condenando-o a ser um instrumento para obtenção de interesses políticos e materiais de organizações, partidos ou indivíduos particulares. Defender um movimento autônomo e independente, como fizemos na Contra-Campanha, não significa defender um movimento desorganizado, como fomos acusados por membros de alguns partidos. Significa, pelo contrário, defender um movimento estudantil cujo protagonismo seja *socializado entre o conjunto dos estudantes organizados*, em vez de um movimento cuja capacidade de discussão e deliberação se concentra nas entidades e nas forças políticas que nelas se encastelam.

Pensamos que a atuação de organizações específicas no movimento estudantil deve servir como uma ferramenta que contribua para impulsionar as lutas, através da construção de mecanismos de participação e controle direto dos estudantes, estimulando a combatividade e a auto-organização. Consideramos este um passo imprescindível para que o movimento ganhe maiores proporções, tornando-se forte o suficiente tanto para defender e concretizar suas reivindicações específicas, como também para avançar para além dos limitantes muros da universidade.

# Sangue, Suor e Barricadas



## PRIMEIRO CONGRESSO DA FARJ!

Nos dias 30 e 31 de agosto (2008), a Federação Anarquista do Rio de Janeiro – FARJ, realizou seu Primeiro Congresso, juntamente com a celebração de seu aniversário de 5 anos. O principal objetivo do Congresso foi aprofundar as reflexões sobre a questão da organização específica anarquista e formalizá-las em um programa que é o resultado do acúmulo e interação entre a teoria e prática da organização. Em breve o programa estará publicado na íntegra em formato de livro e disponível na Internet. Maiores informações no site: [www.farj.org](http://www.farj.org)

## CONARE REJEITA REFÚGIO A CESARE BATTISTI E DECISÃO VAI AO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Preso no Brasil desde 18 de março de 2007, o escritor italiano Cesare Battisti segue sendo vítima da campanha de “caça às bruxas” orquestrada pela direita europeia contra ativistas e militantes políticos. Na última sexta-feira, 28 de dezembro, o Comitê Nacional de Refugiados (CONARE) recusou, por maioria simples, o pedido de refúgio no Brasil feito por Cesare Battisti. Agora, sua defesa tem 15 dias para entrar com um recurso ao Ministro da Justiça, Tarso Genro, para reverter esta posição. O Comitê de Solidariedade a Cesare Battisti e outras organizações e movimentos sociais articulam uma caravana, saindo de vários estados do Brasil até Brasília, para exigir que o governo brasileiro considere os contundentes fatos que não foram levados em conta no julgamento do CONARE e aceite o pedido de refúgio ao militante italiano. Mais: [www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)

## ASSEMBLÉIA ANTICAPITALISTA DE FORTALEZA – CE

No dia 13 de novembro deste ano, realizou-se em Fortaleza o debate “A crise atual do capitalismo e os desafios da luta anticapitalista”. Um dos resultados dessa atividade foi a construção de uma jornada de luta anticapitalista e a articulação de um fórum permanente para discutir e organizar as lutas intituladas Assembleia Anticapitalista de Fortaleza – CE. Várias atividades já estão planejadas e ocorrerão em diferentes bairros da periferia da cidade. As assembleias estão sendo realizadas todas as quintas-feiras no pátio do curso de História da UFC, às 18:30.

## I ENCONTRO LIBERTÁRIO: ANARQUISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS

De 08 a 11 de dezembro, nós da Organização Resistência Libertária (ORL), estaremos realizando em Fortaleza o I Encontro Libertário: Anarquismo e Movimentos Sociais. O Encontro contará com a participação de militantes de organizações políticas anarquistas de várias cidades do país, militantes de movimentos sociais, pesquisadores e simpatizantes. Com esta iniciativa pretendemos criar um espaço para a troca de experiências e metodologias entre aqueles que atuam no sentido da construção de idéias e formas concretas de luta anticapitalista numa perspectiva libertária. Convidamos a todos e todas a participarem desse momento de encontro e conhecimento coletivo, e que possamos somar esforços e seguir dando passos mais longos e mais firmes no sentido de pensar e construir concretamente experiências de organização e de luta que se coloquem numa perspectiva libertária e anticapitalista.

## MÍDIA CORPORATIVA FOI ALVO DE AÇÕES ANARQUISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

Numa ação impressionante e coordenada, milhares de jornais ao redor dos Estados Unidos, de Minnesota, Kansas à Carolina do Norte, foram alvo de sabotagens anarquistas, no dia pós-eleição naquele país. Mais de 30 mil jornais amanheceram com a manchete “Triunfo do capitalismo nas pesquisas” e “A anarquia pulsa nas ruas”, além do conteúdo e fotos dos textos alterados com mensagens libertárias e anti-capitalistas. O USA Today teve que recolher às pressas e imprimir novamente a capa do jornal, destacando a vitória de Barack Obama nas eleições. Cerca de 20 ações similares aconteceram através do país. (Fonte: Agência de Notícias Anarquistas – ANA)

## GAYS ANARQUISTAS FAZEM O INFERNO EM IGREJA ANTI-QUEER

Um pequeno grupo de militantes vestidos de preto e bandanas cor-de-rosa, equipado/as com um megafone, bandeiras pretas, placas com mensagens e uma cruz cor-de-rosa de ponta cabeça, começou a manifestação do lado de fora da Igreja Monte Esperança, no Michigan. Eram cerca de 30 queers radicais do Bash Back! (Golpear de Volta!). A manifestação chamou a atenção da equipe de segurança da igreja e, enquanto isso, aproximadamente uma dúzia de queers, vestidos/as em seu melhor traje dominical, com bíblias, se infiltrou na congregação da igreja. Um grupo se levantou, se auto-declarou gay, e começou a gritar bem alto no púlpito. Uma equipe que estava escondida debaixo dos bancos da igreja num outro compartimento estirou uma faixa: NÃO TEM PROBLEMA SER GAY! GOLPEIE DE VOLTA! Um outro grupo jogou preservativos, confetes e mais de mil folhetos por toda a congregação e o alarme de incêndio foi acionado. Os/as queers começaram a fazer insinuações sensuais e se beijaram na frente do pastor. E em questões de minutos, todo mundo escapou dos guardas e fez suas fugas. Ninguém foi detido. Mais: [bashbacknews.wordpress.com](http://bashbacknews.wordpress.com). (Fonte: Agência de Notícias Anarquistas – ANA)

## ANARQUISTAS ATACAM O CONSELHO DO ESTADO GREGO

O prédio do Conselho do Estado grego (supremo tribunal administrativo da Grécia) foi atacado na manhã do dia 7 de novembro. Cerca de 50 anarquistas arremessaram diversos frascos que continham tinta vermelha e preta na fachada do “Arsakio”, na avenida Panepistimiou 47. No cruzamento da avenida Panepistimiou, igualmente, foram atacados carros de patrulha da polícia. Os carros luxuosos dos decanos de algumas universidades gregas, estacionados em Propileia, também foram alvos dos anarquistas. As ofensivas foram feitas para lembrar a greve de fome dos prisioneiros gregos, que começou naquele dia e reivindicava melhores condições de tratamento. (Fonte: Agência de Notícias Anarquistas – ANA)

## ANARQUISTAS OCUPAM DUAS ESTAÇÕES DE RÁDIO NA GRÉCIA

Em Lamia, a estação de rádio FM-1 foi ocupada durante a tarde do dia 6 de novembro, em sinal de solidariedade às lutas dos/as prisioneiros/as ao redor do país. Já em Tessalônica, na sexta-feira, dia 7, às 11 horas da manhã, por aproximadamente 20 minutos, a Rádio Ekfrasi (Expressão) foi ocupada dentro do conjunto de ações que estão acontecendo naquele país em solidariedade aos três anarquistas fugitivos e V. Botzatzis, bem como às lutas dos/as prisioneiros/as gregos. Dois comunicados concernentes a este caso foram lidos no microfone. Desde o dia 3 de novembro, por todas as prisões da Grécia, milhares de prisioneiro/as iniciaram uma greve de fome coletiva e/ou boicotando as refeições da prisão, protestando contra as condições carcerárias, sentenças pesadas e torturas. (Fonte: Agência de Notícias Anarquistas – ANA)

## EXPROPRIAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS EM BARCELONA

No dia 15 de novembro, companheiros expropriaram e distribuíram alimentos de um supermercado Eroski no bairro de Besós, em Barcelona. Foi distribuído um panfleto entre a vizinhança que dizia que os ricos devem pagar pelas crises e trazia algumas palavras de ordem, como: Não queremos a Refundação do Capitalismo, queremos sua Destruição!, Amanhã a Autogestão será necessária, hoje é a expropriação! e Contra o Estado e o Capital... Guerra Social! (Fonte: Agência de Notícias Anarquistas – ANA)